

XIII Oficina de Tradução Literária Coletiva

A XIII Oficina de Tradução Literária Coletiva, dedicada à poesia de **Júlio Pomar**, no ano em que se assinala o centenário do seu nascimento, terá lugar no dia **05 de novembro de 2026**, das **18h00 às 21h00**, na Sala Multiuso da Embaixada de Portugal na Grécia (Vassilissis Sofias 23), sob a coordenação do tradutor e intérprete Nikos Pratsinis e do filólogo Christos Kotsakopoulos, adido cultural da Embaixada de Portugal.

As Oficinas de Tradução Literária Coletiva são uma iniciativa da Embaixada de Portugal na Grécia com o apoio do Camões, I.P., realizada desde 2022, cujo principal objetivo consiste na formação de uma nova geração de tradutores literários gregos, bem como na divulgação da literatura portuguesa junto do público helénico.

Ao longo destes anos, os tradutores da Oficina trabalharam com textos e poemas de autores tão relevantes como Luís Vaz de Camões, José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Mário Cesariny, Maria Teresa Horta, Eduardo Lourenço, Camilo Castelo Branco, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Cardoso Pires, Eugénio de Andrade, Florbela Espanca, bem como uma oficina dedicada à poesia do 25 de Abril. Pela primeira vez, a Oficina dedica-se a um autor cuja obra maior é a pintura: Júlio Pomar (1926–2018), que foi também ensaísta, poeta e letrista de fados.

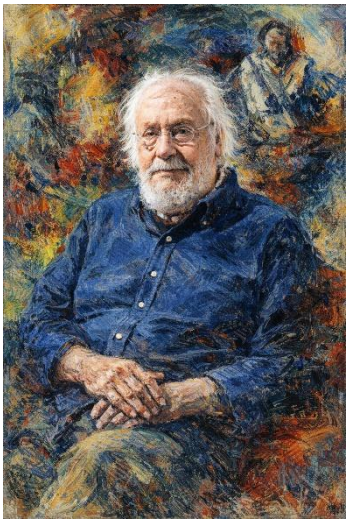
O resultado de cada oficina é publicado na revista literária «Hartis», acompanhado de uma nota introdutória elaborada pelo tradutor Nikos Pratsinis, dedicada à vida e à obra do autor em destaque.

Cronograma

18:00	Receção · Apresentações · Introdução	*por Nikos Pratsinis & Christos Kotsakopoulos*
18:15	Apresentação da vida e obra de Júlio Pomar	*por Nikos Pratsinis & Christos Kotsakopoulos*
18:30	Primeira parte da Oficina	*coordena Christos Kotsakopoulos*
19:30	Intervalo · pastéis de nata e vinho do Porto	*oferece S. Ex.ª o Embaixador de Portugal*
20:00	Segunda parte da Oficina	*coordena Nikos Pratsinis*
21:00	Conclusão e orientações sobre a tradução	*por Nikos Pratsinis & Christos Kotsakopoulos*

A criação deste material de estudo tem exclusivamente propósitos educativos e não lucrativos.

Nota biográfica de **Júlio Pomar**



Júlio Artur da Silva Pomar nasceu em Lisboa a 10 de janeiro de 1926, numa casa da Rua das Janelas Verdes de onde se avistava o Tejo, e morreu na mesma cidade a 22 de maio de 2018, aos 92 anos. Pintor, desenhador, gravador, escultor, ceramista e autor de assemblages, foi também ilustrador, cenógrafo, ensaísta e poeta — numa obra de oito décadas que nunca se fixou numa só linguagem.

Frequentou a Escola António Arroio e, depois, as Escolas de Belas-Artes de Lisboa (1942–44) e do Porto (1944–46), que abandonou na sequência de uma suspensão disciplinar por atividades estudantis. Aos dezasseis anos participou numa primeira exposição coletiva, num ateliê lisboeta; Almada Negreiros comprou-lhe então o seu primeiro quadro, *Saltimbancos*. No Porto, aproximou-se do grupo das Exposições Independentes e, em 1945, passou a assinar a página «A Arte» do diário *A Tarde*, iniciando uma intensa atividade de crítica e reflexão estética.

A sua juventude foi também a de um artista militante contra o Estado Novo. Membro da Comissão Central do MUD Juvenil, foi preso pela PIDE em abril de 1947 e esteve detido em Caxias até agosto; na prisão desenhou o quotidiano dos presos e retratou pela primeira vez Mário Soares. No mesmo ano, a pintura *Resistência* foi apreendida na Exposição Geral de Artes Plásticas e os frescos que pintara para o Cinema Batalha, no Porto — mais de 100 m^2 — foram ocultados por ordem do regime. É deste período, o do neorrealismo, que datam obras emblemáticas como *O Gadanheiro* (1945), *O Almoço do Trolha* (1946–50) e *Varina comendo melancia* (1949).

A partir de 1956–57, depois de uma viagem a Paris, a sua pintura abandona o neorrealismo e ganha um traço rápido, livre e gestual. Cofundador da Cooperativa Gravura (1956), instala-se em Paris em 1963, sendo bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1964 e 1966. Seguem-se os grandes ciclos que marcam a sua obra: as tauromaquias e as corridas de cavalos, Maio de 68, o erotismo, os tigres, D. Quixote, os índios do Alto Xingu e, nas últimas décadas, os fadistas. Em 1971, o seu *Le Bain Turc, d'après Ingres* foi exposto no Museu do Louvre.

Viveu e trabalhou entre Paris e Lisboa. Deixou obra pública marcante — os painéis cerâmicos da Avenida Infante Santo, a estação de metro do Alto dos Moinhos, habitada por Camões, Bocage, Almada e Pessoa — e retratos que fizeram história, como o de Claude Lévi-Strauss (1990) e o retrato oficial do Presidente Mário Soares (1991), irreverente na forma como desmontou o protocolo da representação oficial.

Em 2004 criou a Fundação Júlio Pomar e, em 2013, abriu em Lisboa o Atelier-Museu Júlio Pomar, num edifício recuperado por Álvaro Siza Vieira, diante da casa onde vivia; no mesmo ano recebeu o doutoramento honoris causa pela Universidade de Lisboa. Foi o único pintor português a ver, em vida, uma obra sua — *O Almoço do Trolha* — em processo de classificação pelo Estado (2015). Em 2026, o centenário do seu nascimento é assinalado com exposições, novas edições e, em parceria com o Camões, I.P., mostras da sua obra em embaixadas e espaços culturais portugueses no estrangeiro.

Fontes

— Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC — «Júlio Pomar» (biografia e programa do centenário)
— Fundação Calouste Gulbenkian — Centro de Arte Moderna, ficha do artista
— Museu do Aljube — Resistência e Liberdade, «Júlio Pomar»
— RTP Ensina — «A aventura artística de Júlio Pomar»
— Infopédia (Porto Editora) — «Júlio Pomar»
— Fundação Júlio Pomar — biografia
— RTP Notícias — «Centenário de Júlio Pomar celebrado com prémio de pintura, exposições e novas edições»

A criação deste material de estudo tem exclusivamente propósitos educativos e não lucrativos.

A poesia de **Júlio Pomar**



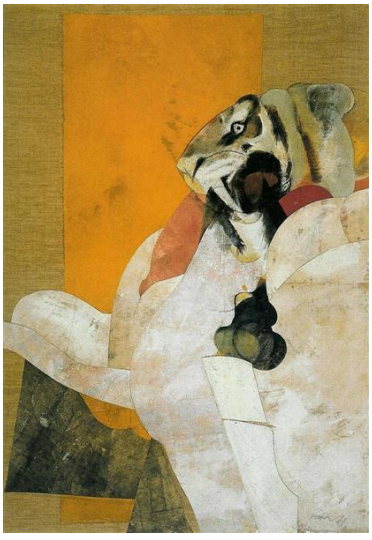
Para Júlio Pomar, a palavra nunca foi um território alheio à pintura. A literatura atravessa toda a sua obra plástica — ilustrou *Guerra e Paz* e D. Quixote, retratou Camões, Pessoa, Almada, Sá-Carneiro — e acompanhou-a desde cedo uma produção escrita regular: mais de setenta artigos de crítica até ao início dos anos 50, e depois ensaios sobre pintura como *Discours sur la cécité du peintre* (1985; em português, *Da Cegueira dos Pintores*) e *...Et la peinture?* (2000; *Então e a Pintura?*). O próprio Atelier-Museu reuniu estes textos sob o título de «Parte Escrita» da sua obra.

Como poeta, revelou-se em 1973 na *International Poetry Magazine* e publicou em vida dois livros, ambos na Dom Quixote: *Alguns Eventos* (1992) e *TRATAdoDITOeFEITO* (2003), este último acompanhado de um texto do amigo António Lobo Antunes. Segundo o filho, Alexandre Pomar, a poesia ganhou peso nas últimas décadas de vida, depois de o pintor fixar residência em Lisboa. Deixou um espólio de milhares de poemas, muitos sem versão definitiva, de onde saiu o livro póstumo *Prima Contradição* (Assírio & Alvim, 2023), organizado segundo o plano do autor: treze «Cantos» de treze poemas cada.

O fado ao contrário

Uma parte significativa desta poesia foi escrita para ser cantada. A partir de 2007, ano em que pinta três retratos de Carlos do Carmo (um deles na capa do disco *À Noite*), Pomar escreve letras de fado para o amigo, para Cristina Branco, Ricardo Ribeiro e outros intérpretes; o Museu do Fado editaria mais tarde um disco com dez fados com poemas seus. Como observa Sara Pereira, diretora do Museu do Fado, estes versos estão nos antípodas do fado resignado e fatalista que décadas de censura cristalizaram: são quase «anti-fados», em que o humor suaviza uma visão crítica da sociedade e o tom é de energia, ironia e afeto, não de lamento.

Brincar com a língua já feita



A matéria-prima desta escrita é a própria língua portuguesa do dia a dia. Pomar diverte-se a trabalhar provérbios, frases feitas, expressões idiomáticas e calão lisboeta, e cruza-os com referências eruditas — Pessoa, Camões, Alcácer Quibir, a mitologia — numa lógica de colagem e associação livre que lembra a da sua pintura, por vezes próxima do absurdo dadaísta. A forma recupera a quadra popular e a redondilha maior, mas com métrica irregular e rimas que quebram as regras, e a musicalidade da língua falada sobrepõe-se muitas vezes à lógica do sentido.

Para quem traduz, estes poemas são um desafio exigente e estimulante: obrigam a encontrar equivalentes gregos para jogos de palavras, idiomatismos e registos populares, a decidir entre a fidelidade ao sentido e a preservação do ritmo e da rima, e a transportar para outra cultura um género — o fado — com códigos muito próprios.

Fontes

— Sara Pereira (Museu do Fado/EGEAC), «Fado Pomar», Cadernos do Serviço Educativo n.º 11, Atelier-Museu Júlio Pomar, 2018 (PDF)
— Agência Lusa / Rádio Renascença — «Livro reúne poesia inédita do pintor Júlio Pomar» (2024)
— Infopédia (Porto Editora) — «Júlio Pomar»
— Fundação Júlio Pomar — biografia
— RTP Antena 2 — «Júlio Pomar (1926-2018): um legado ímpar»
— Museu do Fado — exposição «Carlos do Carmo: À Noite» (2007)
— RTP Ensina — «A aventura artística de Júlio Pomar»

A criação deste material de estudo tem exclusivamente propósitos educativos e não lucrativos.

Fontes bibliográficas e **material audiovisual**

Vídeo

- A aventura artística de Júlio Pomar (RTP Ensina — extrato de «Grandes Quadros Portugueses», 2012)
- Neorrealismo na arte portuguesa (RTP Ensina — sobre «O Almoço do Trolha»)
- Júlio Pomar — O Risco (RTP Arquivos — documentário biográfico guiado pelo próprio artista)
- Coleção «Júlio Pomar» (RTP Arquivos — entrevistas e programas desde 1958)
- Canal do Atelier-Museu Júlio Pomar (YouTube oficial do museu)

Áudio

- A Ronda da Noite — Júlio Pomar lê a sua poesia (RTP Antena 2, entrevista de Luís Caetano, emitida a 22 de maio de 2018)
- Especial «Centenário do nascimento de Júlio Pomar» (RTP Antena 2, 10 de janeiro de 2026)
- Júlio Pomar (1926-2018): um legado ímpar (RTP Antena 2 — duas entrevistas de 2013 e 2014)
- Disco «Fado é Amor», de Carlos do Carmo (RTP Antena 1 — inclui «Fado do 112», na voz de Marco Rodrigues)

Leitura

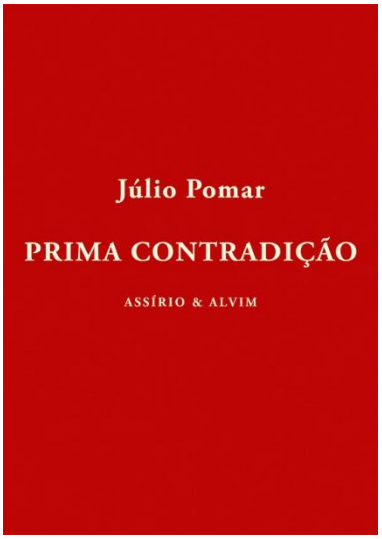
- «Fado Pomar», de Sara Pereira (Atelier-Museu Júlio Pomar, 2018 — ensaio e letras dos fados, PDF)
- Júlio Pomar — biografia e centenário (Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC)
- Júlio Pomar na Coleção do CAM (Fundação Calouste Gulbenkian)
- Exposição «Carlos do Carmo: À Noite» (Museu do Fado — retratos e poemas de Pomar)

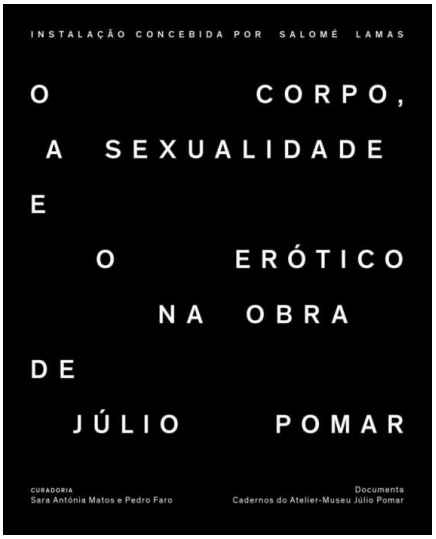
Obras de Júlio Pomar

Poesia — *Alguns Eventos* (Dom Quixote, 1992) · *TRATAdoDITOeFEITO* (Dom Quixote, 2003) · *Prima Contradição* (Assírio & Alvim, 2023, póstumo)

Ensaio — *Da Cegueira dos Pintores* (1986) · *Então e a Pintura?* (2002) · *Notas sobre uma Arte Útil* — Parte Escrita I (Atelier-Museu, 2014)







A criação deste material de estudo tem exclusivamente propósitos educativos e não lucrativos.

Poemas de Júlio Pomar

Fontes:

Poema: Não é para Contar uma Estória que tu Escreves - Júlio Pomar - Poesia / Poemas no Citador

«Fado Pomar», Cadernos do Serviço Educativo n.º 11, Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC, 2018

Seguem os poemas que traduziremos na próxima oficina de tradução literária coletiva — quatro letras de fado escritas por Júlio Pomar e gravadas por alguns dos grandes intérpretes do fado contemporâneo:

> *«Não vive a arte senão de afectos»*
>
> Júlio Pomar, Autobiografia (Assírio & Alvim, 2004)

A) Não é para contar uma estória que tu escreves

Não é para contar uma estória que tu escreves
e eu pinto
nem para nos apontarem a dedo que limamos
o bico aos pregos no avesso do mundo, nem a
terra
é o centro deste. O universo não usa
adereços de cena
nem liga a espelhos. Tem mais que fazer
que nos copiar e tão-pouco ao fado pois ele é
velho, não tem dentes, e tresanda
ao ranço de uma açorda
salgada e sem coentros.

em "TRATAdoDITOeFEITO", Ed. Dom Quixote, 2003

B) Do Fim dos Segredos

Quando se conta a outrem um segredo este
desmaia: a palavra
torna-se pele
sem leão lá dentro.

Não é mais segredo e não o sendo
finge ser lembrança
de fabrico imperfeito:
um cliqueti no silêncio escancara

a dantes inamovível porta
e virada a página acha-se apenas
uma moeda
que não corre já.

em "TRATAdoDITOeFEITO", Ed. Dom Quixote, 2003



A criação deste material de estudo tem exclusivamente propósitos educativos e não lucrativos.

C) Fado do 112

Música: Armando Freire (Fado Manganito)
Gravação: Carlos do Carmo, À Noite (Universal, 2007)

Sem capricho ou presunção
Nesta torre de papel
Deita sete olhares de mel
Em metade dum limão

Na noite mais traiçoeira
Ruim, medonha, brutal
Descontada a pasmaceira
Do inferno do normal

Se me vires a cara séria
Juiz togado ou em fralda
A julgar faltas á balda
Num tribunal multimédia

E tomado o pensamento
Por rombo, machado ou moca
Pega no laser da moda
Dou-te o meu assentimento

Se me vires por fraqueza
Por perfídia ou aflição
Mergulhado na tristeza
Com que se mói a razão

E servi-la á sobremesa
Das ceias da frustração
Assentado na baixeza
O programa da nação

Por favor, peço-te só
Não te demores, vem logo
Traz gasolina, põe fogo
Meu amor não tenhas dó

em Sara Pereira, «Fado Pomar», Atelier-Museu Júlio Pomar, 2018, pp. 20–21



"O banho turco" de Júlio Pomar, 1971

D) Liberdade

Música: Pedro Jóia
Gravação: Ricardo Ribeiro e Pedro Jóia (2012)

Oh liberdade chamei-te
Tu não deste pelo nome
Uma coisa é apetite
Outra coisa é a fome.

Eu não ganhava para o bife
Foi namoro de janela
Nunca mais estive com ela
Mas vou saber onde vive

E como ter a certeza
Que pensa tal como antes
Perguntas bem digo eu
Vou reservar uma mesa

Para a ceia dos amantes
Na melhor sombra do céu.

em Sara Pereira, «Fado Pomar», Atelier-Museu Júlio Pomar, 2018, pp. 30–31



"Edgar Poe, Fernando Pessoa e o Corvo" de Júlio Pomar, 1985

A criação deste material de estudo tem exclusivamente propósitos educativos e não lucrativos.